



Planta da Nitriflex, no Polo Industrial de Duque de Caxias, Polo Petroquímico de Campos Elísios

### Siquirj visita a Nitriflex



No dia 17 de abril, o Siquirj realizou mais uma visita a uma de suas empresas associadas, a Nitriflex, uma indústria 100% brasileira, com mais de 45 anos de atividade, atuando como uma das maiores fornecedoras de Polímeros Especiais e Borrachas Nitrílicas do Brasil e do exterior. Na ocasião da visita, a comitiva do Siquirj contou com a participação do presidente do Sindicato, Isaac Plachta, do Secretário Geral, Luís Paulo Mattos Guedes e do Assistente Técnico, Diogo Fernandes.

A comitiva do Siquirj foi recebida com bastante entusiasmo pelo Gerente Industrial e Administrativo, Alexandre Fagundes, que além de compor a diretoria do Siquirj, também é presidente da Associação das Empresas do Polo Petroquímico de Campos Elísios (ASSECAMPE), bem como pelo Engenheiro de Processos Sênior, Luís Carlos Sousa.

Alexandre e Luís apresentaram à comitiva do Siquirj as últimas novidades da Nitriflex, seja no âmbito comercial, como no âmbito físico da planta, com modificações e alterações que visam a necessária modernização da fábrica e constante busca pela inovação.

Em seguida, foi o momento de visitar algumas instalações da planta, voltadas à pesquisa e inovação, um grande orgulho para a companhia. Na presença do Sr. Luís Sousa, a Comitiva do Siquirj visitou o novo Laboratório de Pesquisa da Nitriflex, que conta com um moderno conjunto de equipamentos de última geração, bem como de uma Unidade de Planta Piloto para escalonamento dos experimentos em Polímeros. Por fim, a Comitiva visitou a Sala de Controle Operacional, o coração da fábrica, onde todos os processos são detalhadamente acompanhados por um sistema de alta tecnologia.

Em geral, os visitantes da entidade ficaram extremamente satisfeitos com todas as inovações e a forma como uma empresa 100% brasileira tem se mantido firme, com investimentos concretos em pesquisa e modernização, mesmo em um cenário geral de falta de competitividade do mercado interno em relação ao internacional. Particularmente, o

presidente Isaac Plachta, que já foi Diretor Superintendente da Nitriflex, se mostrou impressionado com os avanços que a empresa conquistou nos últimos anos, demonstrando a continuidade e inovação para a companhia.

A Campanha de Visitação do Siquirj continuará neste ano de 2024. Permaneceremos buscando um maior contato com as empresas associadas, a fim de entender suas necessidades e conhecer suas vitórias. Juntos sempre somos mais fortes!

### Déficit em produtos químicos totaliza US\$ 9,9 bi no primeiro trimestre de 2024, traduzindo cenário crítico do setor

As importações brasileiras de produtos químicos totalizaram US\$ 13,3 bilhões no acumulado dos três primeiros meses deste ano, relativas ao montante de 12 milhões de toneladas, adquiridas a preços médios 15% inferiores àqueles de igual período de 2023 (de US\$ 1.307 para US\$ 1.111 por tonelada). Esses dados configuram um cenário dramático de ameaça à produção nacional com o agravamento do surto de importações predatórias em vários grupos de produtos estratégicos, comportamento puxado pelos expressivos aumentos nos volumes de importações de resinas termoplásticas (36,9%), de produtos petroquímicos básicos (8,1%), entre outros produtos químicos orgânicos (10,1%) e diversos para uso industrial (15,2%).

Já as exportações, em patamares bastante inferiores ao das importações, foram de US\$ 3,4 bilhões, equivalentes às vendas para o exterior de 3,4 milhões de toneladas, demonstrando recuo de, respectivamente, 8,3% (valor monetário) e 5,2% (quantidades físicas), quando comparadas com os três primeiros meses de 2023.

O resultado da balança comercial no primeiro trimestre de 2024 foi de um déficit de US\$ 9,9 bilhões, acumulando o valor de US\$ 44,7 bilhões nos últimos doze meses (abril de 2023 a março de 2024), com recorde de 46,6 milhões de toneladas (diferença entre 61,2 milhões de toneladas importadas e de 14,6 milhões de toneladas exportadas no período).

Segundo a Diretora de Economia e Estatística da Abiquim, Fátima Giovanna Coviello Ferreira, a entrada desenfreada de importados a preços predatórios e o baixo percentual do uso da capacidade instalada estão desequilibrando o mercado interno e já ameaçam fabricações nacionais de produtos estratégicos ➡

# SIQUIRJ INFORMA

Nº 263

Abr/2024

## Editorial

### BNDES, Sustentabilidade e a Indústria Química

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e seus financiamentos sempre estiveram presentes nos momentos de maior destaque da indústria nacional. É bem verdade, inclusive, que a nossa Indústria Química alcançou a posição de terceira maior do mundo, no passado, em grande parte pelo fomento disponibilizado pelo BNDES. É por isso que o setor recebe com muito entusiasmo o investimento de R\$ 250 bilhões disponíveis à luz do plano da Nova Indústria Brasil, através do BNDES e FINEP, principalmente em um momento onde urge que se freie, pare e reverta a forte desindustrialização do país.

Dada a situação atual do setor, com uso da capacidade instalada cada vez menor e sendo soterrado pelas importações, já é uma vitória o fato da indústria nacional ser um dos pontos de interesse do Governo Federal. Porém, é sempre um alerta ouvir do poder público a frase «reestruturação radical da indústria», como anunciado pelo Senador Beto Faro (PT/BA), em recente Audiência Pública no Senado.

É de conhecimento geral que o Brasil é um dos países com a matriz energética mais limpa do mundo. Dito isto, nossas estratégias de transição energética, descarbonização e bioeconomia, devem possuir viéses bastante particulares. Não há espaço para, em pleno 2024, vilanizarmos e taxarmos, sobre a alcunha de «imposto do pecado», setores produtivos, como a indústria química tradicional e o gás natural, por exemplo, um recurso abundante em nosso território e que emite 25 vezes menos carbono em relação ao carvão.

Sim, há de se concordar com a importância ímpar do BNDES fomentar a neoindustrialização nacional com foco na sustentabilidade da indústria. Contudo, é prejudicial ao desenvolvimento do setor que haja um tom alarmista e imediatista quando se trata de preservação do meio ambiente. Inúmeros são os estudos demonstrando nosso potencial de liderar um mundo mais sustentável e será apenas com investimento nos nossos melhores recursos e conhecimentos que alcançaremos este feito!

“Há algum tempo estamos alertado sobre os riscos de se operar a tão baixa carga no setor, sobretudo por conta dos resultados de produtividade e de eficiência que desestimulam a continuidade da produção. Infelizmente, algumas empresas paralisaram atividade para manutenções preventivas e outras já falam em hibernar plantas, tornando o risco em uma realidade iminente”, destaca Fátima Giovanna.

Presidente-executivo da Abiquim, André Passos Cordeiro ressalta que garantir medidas fiscais protetivas é vital para manter a operação das cadeias de produção, além de atrair novos investimentos para o país. Como exemplo, ele cita as recentes soluções relacionadas a impostos de importação adotadas pelos Estados Unidos, que têm refletido na melhora do cenário - apesar do avanço agressivo das exportações por parte dos países asiáticos, a queda da produção americana em 2023 foi de -1%, enquanto no Brasil esse índice passou chegou a quase -10%.

Vale destacar que a química norte-americana conta com o benefício de ter um custo de produção significativamente menor que o brasileiro. Por lá, o gás natural, principal matéria-prima petroquímica no mundo, responsável por 60 a 80% dos custos de produção, é pelo menos 700% mais barato. Mesmo assim, o país adotou aumento de impostos de importação acima da casa dos 30% para defender seu mercado da concorrência desleal. A taxação para alguns insumos, como Fenol, Resinas e Adipico, por exemplo, ultrapassa os três dígitos. “Aqui, estamos sugerindo uma elevação das alíquotas para 20% na grande maioria dos pleitos. Lembrando que é uma medida de proteção tarifária temporária. Precisamos ter esse respiro para a indústria se recuperar”, argumenta André Passos

**Fonte: Abiquim**

#### **Entrada desenfreada de importados e baixo percentual do uso da capacidade instalada geram tensão no setor químico**

De acordo com os dados da amostra do Relatório de Acompanhamento Conjuntural (RAC), no primeiro bimestre de 2024 o setor químico operou com 64% da sua capacidade instalada - dois pontos percentuais abaixo da média do mesmo período de 2023 (66%). Em 2024, o uso da capacidade permanece no patamar médio de 2023, nível completamente inadequado para o perfil de operações do setor e o mais baixo de toda a série histórica da entidade, que remonta ao ano de 1990. Consequentemente, o nível de ociosidade, de 36%, também é o pior patamar dos últimos 30 anos.

Dentre os grupos de produtos químicos de uso industrial, destaca para as ociosidades de: intermediários para fertilizantes (39%), intermediários para plásticos (40%), intermediários para fibras sintéticas (79%) e intermediários para plastificantes (60%).

Segundo Fátima Giovanna Coviello Ferreira, diretora de Economia e Estatística da Abiquim, a entidade vem apontando, há algum tempo, para os riscos de se operar a tão baixa carga no setor, sobretudo por conta dos resultados de produtividade e de eficiência que desestimulam a continuidade da produção. “Infelizmente, algumas empresas paralisaram atividade para manutenções preventivas e outras já falam em hibernar plantas, tornando o risco uma realidade”, alerta.

Os principais índices de desempenho do segmento de produtos químicos de uso industrial mostram estabilidade no 1º bimestre de 2024, porém sobre uma base (janeiro-fevereiro de 2023) que é a pior da série histórica da Abiquim. A produção, as vendas internas e a demanda nacional, medida pelo consumo aparente nacional (produção mais importação)

menos exportação) – CAN, cresceram 0,04%, 0,24% e 0,02%, respectivamente.

As importações, em volume, por sua vez, cresceram expressivos 6,3% nos dois primeiros meses de 2024, em relação ao 1º bimestre de 2023; enquanto as exportações apresentaram queda de 1,04%, confirmando a dificuldade do setor, que não está conseguindo competir com a agressividade do importado e nem tampouco buscar alternativas no mercado externo.

Medido pelo Índice Geral de Preços, IGP-Abiquim-FIPE, os preços do segmento de produtos químicos de uso industrial acumularam deflação de 0,44% entre janeiro e fevereiro de 2024, refletindo, basicamente, tendência que se observa no mercado internacional, lembrando, mais uma vez, que a indústria química brasileira é tomadora de preços.

Vale destacar que a indústria química é global e por essa razão ela precisa ser competitiva. A disponibilidade de matéria-prima que assegure a competitividade das cadeias derivadas é uma condição para que se consigam novos investimentos no País. O potencial da oferta de gás natural no pré-sal e a matriz de renováveis são os grandes diferenciais comparativos que o Brasil oferece em termos de principais matérias primas (e energético), sobre as quais pode se apoiar a retomada e crescimento do setor. Adicionalmente, o Brasil possui uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo e uma alta produtividade na produção de biomassa.

Ainda de acordo com Coviello, essas duas vantagens comparativas podem, se adequadamente aproveitadas, colocar o Brasil em uma posição de alta competitividade na indústria química verde. “Isso representa um potencial de crescimento concreto, engajamento na transição de uma economia linear para uma que redesenha, recicla, reutiliza e remanufatura, elimina o descarte de resíduos e que protege o meio ambiente, promovendo a inovação, novas oportunidades de negócios, reconhecendo o componente social do modelo de reciclagem brasileiro e fomentando o diálogo entre as partes interessadas, já que o benefício é compartilhado entre a sociedade, os negócios e as melhorias ambientais ao planeta”, finaliza a diretora da Abiquim.

**Fonte: Abiquim**

#### **Déficit orçamentário das 27 unidades da federação pode chegar a R\$ 29,3 bi**

Estudo feito pela Firjan, a partir de dados publicados pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN), aponta que, das 27 unidades da federação, a previsão é de déficit orçamentário em 22 estados e no Distrito Federal, totalizando um saldo negativo de R\$ 29,3 bilhões nas contas de 2024. A Firjan sinaliza que, de acordo com a dotação orçamentária do ano, as despesas apresentarão alta de 7%, enquanto a previsão é de que as receitas cresçam apenas 3,2%. O Rio de Janeiro, com possibilidade de déficit de R\$ 10,4 bilhões, é o que apresenta o pior resultado na análise, seguido de Minas Gerais (-R\$ 4,2), Ceará (-R\$ 4,0), Paraná (-R\$ 3,5) e Rio Grande do Sul (-R\$ 3,1).

“Esse é um quadro preocupante, pois afeta o crescimento sustentável do país e consequentemente o bem-estar da população e o ambiente de negócios. O Brasil precisa de estadistas que encarem o desafio de explicar para a população que é preciso cortar gastos, mas não em Saúde e Educação. A solução não pode ser um atalho, como aumento de impostos. Precisamos que o problema das contas públicas seja resolvido de forma estrutural, com medidas que possibilitem um planejamento eficaz. Dessa forma, os investimentos públicos não ficam penalizados”, destaca o presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira.

No estudo a Firjan ressalta que a alta rigidez orçamentária é um dos principais problemas que afetam a sustentabilidade das contas. De acordo com a análise, em 2023, ao menos quase 50% do orçamento das unidades da federação foi destinado ao pagamento de despesas com pessoal, que não podem ser ajustadas em períodos de menor previsão de receitas, ou juros e amortizações da dívida, também de caráter obrigatório. No caso do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, esse percentual ultrapassou 70%. Com esse quadro de rigidez orçamentária, os investimentos são penalizados, como aconteceu em 2023. No Rio Grande do Norte, por exemplo, o investimento por habitante foi de R\$ 171. No Rio Grande do Sul, de R\$ 460.

A Firjan pontua que a reforma previdenciária não foi suficiente para garantir o equilíbrio orçamentário. Em 2022, o déficit previdenciário das unidades da federação foi de R\$ 86,1 bilhões. Além disso, o potencial da reforma tributária só poderá ser observado no médio prazo. Nesse sentido, ressalta a importância de regras para os regimes próprios de previdência, de acordo com a realidade de cada unidade da federação; da reforma administrativa, com a inclusão dos estados, para que seja possível adaptação dos custos com pessoal à realidade econômica e social; da discussão de uma solução eficiente para o alto endividamento de alguns entes, como o Rio de Janeiro; além de regras de responsabilidade fiscal.

“Não podemos aceitar que o desequilíbrio orçamentário seja resolvido com aumento de impostos e pedido de socorro à União, como tem acontecido nos últimos anos”, comenta o gerente de Estudos Econômicos da Firjan, Jonathas Goulart.

**Fonte: Firjan**

**Siquirj**

### **Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro**

#### **Filiado à FIRJAN**

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar  
Centro - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 20030-070  
Tel.: (21) 2220-8424  
E-mail: [siquirj@siquirj.com.br](mailto:siquirj@siquirj.com.br)  
Home page: [www.siquirj.com.br](http://www.siquirj.com.br)

### **Diretoria - 2020/2024**

#### **Diretoria**

Isaac Plachta (Presidente)  
Carlos Roberto da Silva (Vice-presidente)  
Nicolau Pires Lages (Secretário)  
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

#### **Suplentes**

Wagner Luiz Rodrigues de Sá  
Roberto Pinho Dias Garcia

#### **Conselho Fiscal**

#### **Efetivos**

Ciro Alves  
Angelo José Brazil Ferreira  
Alexandre Fagundes de Mattos

#### **Suplentes**

Larissa Arias  
Jorge Luiz Cruz Monteiro  
Mauro da Silva Fonseca Júnior

#### **Delegados Representantes junto à Firjan**

#### **Efetivos**

Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira  
Carlos Mariani Bittencourt

#### **Suplentes**

Isaac Plachta  
Roberto Pinho Dias Garcia